

O QUE PODE OCORRER COM O ENSINO DE GEOGRAFIA QUANDO O ENCONTRO É COM A DIFERENÇA?

¿QUÉ PUEDE OCURRIR CON LA ENSEÑANZA DE LA GEOGRAFÍA CUANDO EL ENCUENTRO ES CON LA DIFERENCIA?

WHAT CAN HAPPEN TO TEACHING GEOGRAPHY WHEN THE ENCOUNTER IS WITH DIFFERENCE?

CLEBER ABREU DA SILVA

Secretaria Municipal de Educação de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, Brasil
<clebera3@gmail.com>

Resumo

Este trabalho se interessa em perseguir a seguinte questão: O que surge a partir da escola quando a fronteira que a separa da vida é quebrada por acontecimentos históricos e eventualidades geográficas? A inspiração ocorre com autores diversos que propõem fluxos de pensamentos em composição com a Diferença, se destacando a ideia da eventualidade como uma possibilitadora de aberturas. O argumento da pesquisa é o de que o espaço geográfico, quando apoiado nas possibilidades despertadas pelos acontecimentos eventuais, em fuga das tentativas de purificação pedagógicas, viabiliza composições que, em agenciamento, abrem os muros da escola às histórias e geografias não universais. O trabalho, numa tentativa de seguir as pistas que oferecem uma abertura à ignorância, navega por incertezas que diluem o que separa, o que não se ouve, caminha por um tempo que nos expõe às suas forças e um espaço que materializa os encontros de um lugar eventual. E houve uma escola no meio de tudo isso.

Palavras-chave: Espaço Geográfico. Escola. Lugar Eventual. Acontecimento.

Resumen

Este trabajo está interesado en perseguir la siguiente pregunta: ¿Qué emerge de la escuela cuando la frontera que la separa de la vida se rompe por acontecimientos históricos y eventualidades geográficas? La inspiración proviene de distintos autores que proponen flujos de pensamientos en composición con Diferencia, destacando la idea de la eventualidad como facilitadora de aperturas. El argumento de la investigación es que el espacio geográfico, cuando se apoya en las posibilidades que despiertan los acontecimientos ocasionales, para escapar de los intentos de purificación pedagógica, hace viables composiciones que, en agencia, abren los muros de la escuela a historias y geografías no universales. La obra, en un intento de seguir las pistas que ofrecen una apertura a la ignorancia, navega entre incertidumbres que diluyen lo que separa, lo que no se escucha, camina por un tiempo que nos expone a sus fortalezas y un espacio que materializa los encuentros de un eventual lugar. Y en medio de todo había una escuela.

Palabras clave: Espacio Geográfico. Escuela. Posible Lugar. Evento.

Abstract

This job is interested in pursuing the following question: What emerges from school when the border that separates it from life is broken by historical events and geographical eventualities? The inspiration comes from different authors who propose flows of thoughts in composition with Difference, highlighting the idea of eventuality as an enabler of openings. The research argument is that geographic space, when supported by the possibilities awakened by occasional events, in escape from attempts at pedagogical purification, makes compositions viable that, in agency, open the walls of the school to non-universal histories and geographies. The work, in an attempt to follow the clues that offer an opening to ignorance, navigates through uncertainties that dilute what separates what is not heard, walks through a time that exposes us to its strengths and a space that materializes the encounters of an eventual place. And there was a school in the middle of it all.

Keywords: Geographic Space. School. Possible Place. Event.

Iniciando as conversas, ou, se quiser, “Introdução”

Por muito tempo, já influenciado por processos de formação e atuação como professor de geografia, idealizei uma escola como lugar de futuro, quase um santuário da oportunidade, da construção de país, de progresso, enfim, nela era para se aprender, evoluir, tornar as pessoas mais próximas de uma igualdade (Larrosa, 2019; Rancière, 2019).

Porém, essa mesma escola não se limita a um único caminho que nos apresenta uma verdade inquestionável de sua finalidade, e apesar da força de muitas das promessas universais ser ainda fortemente presente pelos corredores, além de toda uma política afirmativa que atravessa o significado escolar, existem vidas que estão em relação nela, e estas são imprevisíveis em muito do que trazem ao território moderno da educação.

Passeei, ainda passeio, pela escola com lentes de um professor de geografia, por isso, em muitas das vezes, sou um curioso na busca de informações sobre os lugares, flertando com uma perspectiva geográfica dos fatos, caminhos que me empurram a geografizar onde estamos e o que podemos ser. Esse conhecimento, que se mistura ao pedagógico, por muito tempo corroborou minha forma de ver a escola, as pessoas que nela circulam, suas teleologias, em grande parte salvadoras, enfim, esses campos do conhecimento, por influências teóricas que tive de um longo período, contribuíram para a produção de uma espécie de congelamento das vidas em uma infinidade de experiências educativas que pela escola tive.

Não limitei este trabalho à escola, à educação, ou ao próprio ensino de geografia, mas a mistura desses componentes também fez parte do que vem, até porque dois temas de destaque, que são algumas das relações entre tempo e espaço, são de histórias que surgiram da escola, potencializando uma importante área de interesse da geografia, que é o espaço em sua vertente geográfica (Massey, 2013).

Existem semelhanças teóricas entre estudos da educação, voltados para a escola, e as próprias linhas de investigações do espaço geográfico. A partir dos anos de 1970, ambas as áreas foram fortemente influenciadas por teorizações com intencionalidades críticas, onde, em geral, se contestava formas descritivas que marcavam as pesquisas dos dois lados, buscando, com esse diagnóstico, a produção de bases que iniciaram uma caminhada por encontrar as redes de relações que estavam mascaradas e ocultas pelo macro poder até então. Uma importante marca de algumas das intenções dessa corrente é a de produzir conhecimento, visando uma libertação das pessoas dominadas, e que, com essa condição alcançada, qualquer grupo chegaria aos estágios de ascensão e emancipação em suas realidades políticas, econômicas e sociais (Soja, 1993; Haesbaert, 2019; Oliveira Jr, 2019; Larrosa, 2019).

Duas outras importantes questões me acompanharam em escolhas feitas para a pesquisa, sendo relevante que as apresente. A primeira é a de saber se realizaria a investigação na escola, já a segunda é de como me relacionaria com as histórias a serem contadas. Sobre a escola ser um lugar na pesquisa, esse foi um questionamento desde as primeiras discussões a respeito de procedimentos/metodologia a serem escolhidos, ainda

como projeto. Uma primeira possibilidade, entre outras, foi a de que seria pertinente a permanência da escola, mas levando em conta que ela não é um território fechado em seus acontecimentos, e por isso poderia ganhar relevo no trabalho a busca dos movimentos que as vidas fazem entre o que é registrado no interior dos muros e o que está além, e que uma importante atenção a se ter seria com a preocupação em não separar essas relações.

Há cerca de quatro anos, quando vivi esse dilema pela primeira vez, não tinha muita ideia dos perigos dessa separação, havendo dificuldades até para identificar quando a praticava. E, sim, ao me relacionar e questionar a respeito, passo a enxergar maneiras de vivência que realmente não considerava, simplesmente porque reduzia as alternativas à clássica oposição dos valores (Nietzsche, 2009).

Mas o fato de escolher continuar com a escola, tentando driblar o binômio externo/interno, não foi suficiente para perceber que tudo estaria resolvido. Não adiantava sair da escola se não consigo, não adiantava me relacionar com fatos externos se não sei como atravessam o interior da mesma, e, aparentemente, não seria muito frutífero aproximar duas realidades que são, ainda na minha forma de pensá-las, ambivalentes.

Antes de prosseguir com a escola, tenho que esclarecer também sobre como será a minha participação nas histórias a serem contadas. Esse impasse para quem pesquisa na educação é clássico, tornando comum a dúvida se o caminho é pelos métodos qualitativo ou quantitativo, se a prática de investigação ocorre por meio de uma pesquisa participante, ou ação, até se alguma forma de escolha compreende a condição de uma investigação neutra, me esforçando para conseguir um distanciamento dos fatos pesquisados. Até o instante em que essa discussão ocorreu pela primeira vez, também em conversações sobre o projeto, sequer considerava a ideia de que fosse possível realizar uma pesquisa em que o EU estivesse na história, pois, se estava na universidade, era para fazer ciência, e só ganhando uma capa de científico que o trabalho conquistaria credibilidade.

Retorno para responder a duas questões lançadas, e que considero de relevante tratamento nessa apresentação. Primeiro, reforço que pesquisei na escola, e também além dela, por isso fomos à Grotta. Ela é parte do lugar que poucos têm orgulho de falar que moram, abrigo das insuficiências estruturais e materiais que o modelo de cidade capitalista tem, ficando no fundo do vale da área em que a escola se situa. E se ela de fato representa o que poucos querem ser, ninguém a busca, inclusive com a escola fugindo de uma intensificação nessas relações, a não ser para trazer palavras, pensamentos e ações que reforçam as características de um lugar que deve ser rejeitado. Em geral, as ações pedagógicas ou educativas que existem são voltadas para tê-la como referência do que não se aspira ser e ter. A Grotta é o que o conhecimento moderno diz ser o fracasso de seus modelos universais e o que a escola ressalta ser o lugar de abrigo dos que não se interessam por ela. E, segundo, estive na pesquisa, nas histórias, as que vivi diretamente, as que fui levado a viver, as que integrei sem saber que nelas estava; havendo até histórias em que ainda tenho dúvidas se realmente foram vividas.

Os caminhos percorridos, ou chamem de “Metodologia”

Como fiz a opção por acompanhar a pesquisa a partir da escola, seguindo com atravessamentos que passassem por seu território, que procedimento/metodologia poderia recorrer para me relacionar com fatos que extrapolam as fronteiras da instituição? Como queria fazer com que essa zona, até então com fortes determinações, deixasse de ser tão vigiada e passasse a ser uma área comum, onde indiscriminadamente todos, todas, circulassem, reforcei o desejo de seguir e fugir com as histórias, com o devido cuidado para não ser mais afetado por qualquer ideia de limite (Rolnik, 2016; Larrosa, 2004).

Contudo, ao longo de praticamente três anos de doutorado as histórias continuavam influenciadas por determinações e subjetivações, tanto pedagógicas quanto geográficas. Ainda era um professor, preso a um lugar repleto de verdades a serem buscadas, que apenas confirmavam o que já sabia e queria, robustecendo determinações ao que ocorria, achando estar em uma zona de indeterminação, mas a atravessando como uma fronteira geopolítica de forte controle territorial.

É difícil ter uma relação com os lugares e pessoas onde as fronteiras não são realmente diluídas, e isso aconteceu com a escola por quase toda a tese. Foi por muito tempo impensável me relacionar com a ideia de que a própria fronteira é uma invenção humana, por isso chamo a atenção para a influência que essa concepção produz em experiências, sejam as vividas, algumas que se deixam de viver, até aquelas em que há a privação na crença de que seja possível vivê-las. As fronteiras podem nos cegar por um longo período (Dardel, 2015; Latour, 2017).

Portanto, cheguei ao terceiro ano do doutorado ainda tratando o espaço geográfico como uma esfera fechada (Massey, 2013), colocando a pedagogia numa condição de purificadora de todas as suas ações (Ranniery, 2016), e me relacionando com a escola de uma forma em que o muro continuava a separá-la do que havia ao seu redor. E quando contava as histórias, tentando agregar esses dispositivos, todas estavam influenciadas por linhas coerentes que em nenhum momento abriam margem para uma existência acontecimental.

Quebrar as representações da maior parte das palavras em suas significações imediatas, e desconfiar da ideia que inicialmente temos sobre alguma história vivida, foram dois dos mais relevantes exercícios que fiz nesse desafiante momento, não apenas nas histórias acompanhadas, mas também em como passariam a ser escritas e combinadas. É fazer “[...]o (im)possível ser aquilo a que se chega não a partir de um traçado já previsto, possível de ser trilhado, mas que se encontra quando se é forçado a criar um ato linguagem para dizer algo que escapa às palavras e significados já existentes” (Oliveira Jr., 2017, p. 1162).

Mas o que significa essa fratura de representação? O que me abre a um pensamento que busca o encontro com a diferença foi escolher histórias que me fizessem flutuar pela escola, e também a partir dela, passando a ser possível praticar, na ideia e na escrita, uma gramática que me deslocasse da pedagogia, preferencialmente descartando algumas palavras-chave que matam a possibilidade de criação, tais como aprender, explicar, entender,

ensinar, raciocinar, mediar, etc. Se as relações entre as pessoas naquele lugar têm como referência algumas das palavras pedagogizantes citadas, qualquer história que delas nasça parecia já direcionar a uma finalidade salvadora, purificadora, com vistas ao melhoramento (Ranniery, 2016). E se valores como esses estiverem presentes, um moralismo quase transcendente se faz acompanhar (Nietzsche, 2009; Foucault, 2016).

E o que seria desconfiar da ideia que, de início, se tem sobre alguma outra história a ser apresentada? É tentar relacionar com a perspectiva que questiona que qualquer construção argumentativa surja de um pensamento já estabelecido, ou de ideias em que seus cânones já estejam, mesmo que parcialmente, propostos. O procedimento/metodologia é, ou por meio da presença de um fato, ou a busca por anotações de campo, ou uma simples lembrança de um ocorrido, expor a história, tendo uma composição imaginativa da escrita como parte do processo, agenciando os elementos que esses recursos nos convocarem. E que haja uma ética nessa composição de se provocar uma construção de pensamento que parta da chance de fuga que uma determinada história oferece. É sim uma tentativa de entranhar por caminhos que, bem próximos de serem enunciados, não se teria a mínima ideia de como sua materialidade, seja no campo e na escrita, se daria, achando “[...] seu próprio ponto de subdesenvolvimento, seu próprio dialeto, seu próprio terceiro mundo, seu próprio deserto” (Deleuze & Guattari, 2022, p. 39).

Passo a me encontrar com influências e toda uma literatura que coloca em xeque a ideia de método, destacando que estabelecer caminho à priori para a pesquisa é inviabilizar que o potencial das relações humanas surja, abdicando assim do encontro com a diferença. A vida é indeterminada, e por isso me sinto rapidamente convencido de que alguns dos modos de fazer pesquisa, e que consagraram uma forma do que seria científico, não são aplicáveis, realmente, em qualquer lugar que se queira descobrir os meandros mais improváveis das relações humanas e, um pouco mais tarde, as não humanas. “Na verdade não basta dizer Viva o múltiplo [...] É preciso fazer o múltiplo, [...] sempre $n-1$ (é somente assim que o uno faz parte do múltiplo, estando sempre subtraído dele. [...] Um tal sistema poderia ser chamado de rizoma” (Deleuze & Guattari, 2011, p. 21).

Fortalecendo uma aliança com a cartografia, enquanto possibilidade de procedimento de pesquisa, a mesma nos diz que a história, “[...] nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos - sua perda de sentido - e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes se tornam obsoletos” (Rolnik, 2016, p. 23). Essa aliança foi um dos motivos para a escolha de que eu estivesse nas histórias, seja as compondo nos acontecimentos, assim como, conseqüentemente, nesse decisivo momento da escrita, chegando “[...] ao ponto em que não se diz mais EU, mas ao ponto em que já não tem qualquer importância dizer ou não dizer EU” (Deleuze & Guattari, 2011a, p. 17). Com isso se afirma uma recusa à ideia de um sujeito produzido por valores universais, força que cria e quase determina um roteiro de como a pesquisa tem que se desenvolver e que sujeito deve ser construído, rejeitando esse “Eu” que faz o possível para se manter no controle.

A pesquisa nesse momento de experimentação e no jeito em que as histórias, anotações e lembranças passam a ser compostas, foi violentada pelo dispositivo proposto por Massey (2013) do lugar como eventualidade. Em seu argumento a autora diz que

[...] o que é especial sobre o lugar é, precisamente, esse acabar juntos, o inevitável desafio de negociar um aqui-e-agora (ele mesmo extraído de uma história e de uma geografia de “então” e “lá”), e a negociação que deve acontecer dentro e entre ambos, o humano e o não humano. Isto de modo algum nega um sentido de deslumbramento: o que pode ser mais inspirador do que andar pelas montanhas conhecendo a história e a geografia que as fizeram estar aqui, hoje? Isso é a eventualidade do lugar (Massey, 2013, p. 203).

Me senti convidado a olhar a materialidade para além das fronteiras humanas, e sua proposta de inserção relacional com os não humanos, a natureza, de uma forma geral. Como essa relacionalidade é quase experimental, pois é realizada de maneira nascente, demandando, segundo ela, imaginações da própria geografia, e também de outras ciências humanas, como muito bem nos diz Latour (2017), enxerguei esse dispositivo como modalidade de encontro com outras pistas, não as limitando mais as estritamente humanas.

Passa a ocorrer um deslocamento que tem como visão a ausência de distinção entre natureza e ser humano, não humano e humano, se estamos no interior da escola ou fora dela. São as modificações que diluem as fronteiras que ainda existiam no trabalho, e que trazem acontecimentos históricos e eventualidades geográficas totalmente desconhecidas. Esse momento ficou belamente registrado quando, circulando na descoberta da eventualidade pelo lugar escolar, e encontrando uma outra imaginação geográfica a respeito da relação de alguns dos moradores da Grotta com a nascente de um córrego, uma entrevistada, mãe de dois alunos da escola, nos disse que nunca imaginava que fosse ter água de graça, já que tem a mina, e que é dessa água que tira todo o sustento, o mais importante, da família. Com aquela nascente, planta, faz a irrigação, bebe, usa no banheiro, que não é dentro de casa, e prepara a comida, “[...] *mata a sede das cria, que [...] come, mas que também vende, sempre que pode [...]*”.

Como escrevi em outro momento, sou professor de geografia, e esta pesquisa teve como interesse contribuir para que o espaço geográfico seja um aliado na feitura de acontecimentos que abrem buracos na escola e na própria educação, isso para que se ampliem conversações com pessoas, grupos, lugares que, sob a égide de uma história hegemônica, fortemente ancorada em suas metanarrativas, poucos movimentos ainda realizam. As histórias não ocorrem simultaneamente de forma coerente, elas se encontram, se relacionam, se perdem, em muitas das vezes, cessam em suas conexões, aproximações, durações ou lembranças.

Com isso, fugindo de um espaço geográfico opaco, de um tempo sem movimento e de uma educação que insiste em se afirmar sobre verdades universais, a QUESTÃO desta pesquisa foi a seguinte: *O QUE SURGE A PARTIR DA ESCOLA QUANDO A FRONTEIRA QUE A SEPARA DA VIDA É QUEBRADA POR ACONTECIMENTOS HISTÓRICOS E EVENTUALIDADES GEOGRÁFICAS?*

Pesquisar é sempre se vulnerabilizar. Se preferirem, “Resultados e Discussões”

Continuarei, apenas continuo a ter o desejo de continuar. Ao atingir esse pedaço da pesquisa, e também da escrita, o sentimento que me invade é o da vontade de abrir a tudo que atravessa. A proposta de apresentar resultados, especialmente de forma intencional, pouco, ou nada, tem a ver com a eventualidade acontecimental que experimento. Todavia, seguem as discussões, sem dúvida muito mais do que os resultados.

A maior felicidade é ter encontrado um novo tipo de ignorância (Rancière, 2019), da qual faço parte, independente de querer ou não. Com ela perdi a identidade de professor, de alguém que se coloca numa condição de querer saber mais, de gozar com o poder sobre os outros, daquele que ainda se vê, na maior parte das vezes, como o salvador de corpos perdidos.

Sentir histórias me empurrando para caminhos totalmente desconhecidos, ser surpreendido por um monte delas que surge quando menos imagino, e deixar de fazer parte de algumas outras quando começo a gostar da ideia de compô-las, foi um dos inesperados desta pesquisa.

Não ter receio do que aparece, me abrir a tudo que vejo, que não via, escutar a quem acreditava ignorar, deixar de ter intenções em lugares cobertos por elas, abdicar dos valores que determinam o que achar, confrontar moralismos que impõem forças transcendentais, fazendo esquecer das relações imanentes, todos esses elementos que marcam um acontecimento e entram nas histórias, não permitindo mais que elas sejam repetidas.

Essa abdicação da repetição me deslocou a alguma liberdade, isso porque a história não está pronta, muito menos existe apenas numa direção, e ela também não é uma integração que nos leva ao encontro de metanarrativas ascéticas. Esse contexto foi indispensável para que uma fuga da escola fosse conseguida. Demorei para entrar nesse jogo de relações, ainda tenho dificuldades, mas cheguei à indeterminação da zona, e isso me levou a perceber que a fronteira que separava tudo nada mais é do que uma das muitas invenções humanas, de uma certa maneira para impor limites. Esse é um trabalho em que essa marca da geopolítica está em plena desintegração.

Igualmente se encontra em fragmentação a geografia que acreditei um dia ser a única, a verdadeira. Me encontro novamente com três fundamentais operadores desta pesquisa, a história, acompanhada pelo tempo e o acontecimento, a escola e a geografia, que também carrega consigo o espaço e o lugar eventual. E é sobre o muro que me vejo neste instante onde mais um pensamento involuntário me arrebatava. E que muro é esse? O muro que por um longo período separou em mim o interno do externo escolar, o fora e o dentro das relações, o que é útil e o que não é das intenções, o que é progresso e atraso nas avaliações, o que é desejável, aceitável e o que é tratado como um fracasso quando utilizamos o crivo moral da sociedade que a escola deve construir.

Fui levado a acreditar que era possível encontrar uma escola em que parte de seus acontecimentos começava nela, mas não morria em seus muros, descobrindo que há nela a circulação de uma infinidade de histórias que recusam ser limitadas aos cânones pedagógicos, geralmente purificadores. Uma purificação que insiste na tentativa de matar potentes acontecimentos eventuais, como os que segui na Grotta. E foi em uma dessas fugas da purificação que um aluno me chamou para conversar, me convidando a sentar no muro, pois a vista que tinha dali era “[...] *bonita demais da conta, professor*”.

Esburacando os muros, até o seu fim, ou, como queiram, Considerações Finais...

Essa área fronteira chama a atenção para uma divisão temporal do que dela se quer fazer representar, de um lado havendo o tempo certo, onde os ritmos são alcançados, as expectativas correspondidas, os caminhos seguidos como devem ser, e, caso ainda não se consiga esses atributos, os ajustamentos feitos para que se chegue às condições ideais. Como essa fronteira temporal dicotomiza, o outro lado é visto como o oposto, despertando a necessidade de distanciamento das pessoas consideradas (des)ajustadas ao modelo. Felizmente, e essa foi uma das propostas de investigação desta pesquisa, existem pessoas que diluem qualquer barreira, seja ela material ou não, e que resistem às ideias hegemônicas estabelecidas, relacionando com o que se tem, que nem sempre é o que valores universais determinam que deveria ter.

Rompeu-se a fronteira da atualidade e de uma certa instantaneidade, como problematiza Massey (2013), pois fomos à Grotta, realidade que de tão rejeitada se tornou, para os que circulam pela escola, uma irrealidade (Dardel, 2015). A Grotta, a depender, pode ser até uma fabricação do modelo universal, exatamente para que ocorra sua rejeição, tendo grandes representações como símbolos de negações. É também uma realidade, fabricada, uma antítese do modelo, criando dificuldades para que tenhamos o interesse em aproximar da fronteira, de pelo menos saber o que do outro lado tem. Se essa expectativa de comportamento é confirmada, a Grotta continua ser uma irrealidade real (Dardel, 2015) e a despertar medo (Nietzsche, 2009). Esta pesquisa perdeu o medo da Grotta, pois suas eventualidades nos ajudaram a implodir as fronteiras que insistem no levantamento de muros, em constante produção/reprodução.

Referências

DARDEL, E. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2015.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Kafka**: por uma literatura menor. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**. Uma arqueologia das ciências humanas. 10. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

HAESBAERT, R. Do corpo-território ao território-corpo(da terra): contribuições decoloniais. **Revista GEOgraphia**: Niterói, Universidade Federal Fluminense, v. 22, n. 48, p. 74-90, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Rogério-Haesbaert/publication/342342357_DO_CORPO-TERRITORIO_AO_TERRITORIO-CORPO_DA_TERRA_CONTRIBUICOES_DECOLONIAIS. Acesso em: 21 set. 2024.

LARROSA, J. **Pedagogia profana**: Danças, piruetas e mascaradas. 6. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2019.

LARROSA, J. A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 29, n. 1, p. 27-44, jan./jun., 2004. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/257437>. Acesso em: 16 mar. 2025.

LATOUR, B. **A esperança de Pandora**: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

MASSEY, D. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

NIETZSCHE, F. **Genealogia da moral**: uma polêmica. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

OLIVEIRA JUNIOR, W. M. Geografias menores: potências de expressão entre imagens, pesquisa e educação. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 9, n. 17, p. 27-43, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/596>. Acesso em: 23 set. 2024.

RANCIÈRE, J. **O mestre ignorante**. 3. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2019.

RANNIERY, T. **Corpos feitos de plástico, pó e glitter: currículos para dicções heterogêneas e visibilidades improváveis**. 2016. 413 p. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: https://oasisbr.ibict.br/vufind/Record/UERJ_562bf52856ca9e1a8f4ad0deb039b1dd. Acesso em: 24 set. 2024.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental**: Transformações Contemporâneas do Desejo. 2. ed. Porto Alegre, RS. Editora da UFRGS, 2016.

SOJA, E. **Geografias pós-modernas**: a reafirmação do espaço na teoria social crítica. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

Recebido em: 23/09/2024

Aprovado em: 16/03/2025

Pesquisar, Florianópolis, v. 12, n. 23, p. 16-25, maio 2025.